TECENDO AFETOS:
NARRATIVAS E VISUALIDADES A PARTIR DE UMA COLCHA DE RETALHOS

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira / Universidade de Brasília

RESUMO
Com este trabalho compartilho reflexões que se referem a minha pesquisa de doutorado, acerca dos efeitos da trajetória de vida em minha formação. A pesquisa foi concluída como resultado do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Utilizo a narrativa autobiográfica para destacar experiências deflagradoras de afetos, memórias e visualidades, em especial o momento em que experimento uma colcha de retalhos tecida pela minha avó como artefato emblemático.

PALAVRAS-CHAVE
narrativa; autobiografia; experiência; afeto; visualidades

ABSTRACT
With this text I explore some reflections on the impacts the trajectory of my life had on my formation as an intellectual worker. The research was presented in the doctorate program in Arts and Visual Culture at the Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. I use autobiographical narrative to highlight experiences that trigger memories, visualities and affections, especially a moment when a patchwork quilt made by my grandmother becomes, for me, an emblematic artifact.

KEYWORDS
narrative; autobiography; experience; affection; visualities

Apresentação

O texto aponta reflexões que tangenciam minha pesquisa de doutorado[1], concluída no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, com ênfase nas questões relacionadas com a minha trajetória de vida e formação. O recorte aqui utilizado para compor as reflexões versam sobre experiências que foram deflagradoras de afetos, memórias e visualidades que marcaram minha formação subjetiva, em especial, as visualidades que permeiam o contexto da época de infância. São visualidades impregnadas de memórias afetivas, marcadas por episódios emblemáticos que, no contexto deste texto ganha intensidade através do viés narrativo, constituindo-se como caminho investigativo, sobretudo, quando se afirmam os desejos e aspirações que ensejam uma história de vida. Nesse sentido, compartilho experiências afetivas de cunho pessoal e subjetivo, desenvolvidas durante a investigação de doutorado, em particular para aquela que aponta o momento em que experimento a colcha de retalhos tecida pela minha avó materna como artefato emblemático e afetivo, o que levou-me a pensar nos aspectos das visualidades presentes no cotidiano, no que condiz com a sua potência enunciadora de sentidos e significados para o campo da narrativa autobiográfica. Saliento que essa possibilidade de revisitar os escritos da tese de doutorado a partir das questões sobre “redes e conexões de afetos, pedagogias e visualidades”, conforme proposto pelo simpósio, provocou instigantes inquietações, em virtude de um posicionamento que considera, de acordo com os argumentos de Giroux (1997), que um projeto ou estudo não está totalmente pronto, pois o mesmo pode ser lido e ressignificado de acordo com o momento presente. Dessa forma, entendo que o momento da escrita deste texto oportuna tanto pensar e compartilhar sobre as conexões de afetos experienciadas, quanto uma possibilidade de reposicionar-me no contexto de uma investigação que pode alhures apresentar nuances e facetas ainda encobertas.

Experimentando os afetos e efeitos de um artefato emblemático

Minha experiência de infância com a colcha de retalhos produzida pela minha avó materna me faz refletir sobre os afetos necessários para significar a vida. Afetos presentes nas lembranças de infância que, segundo Freud (1996a),

> [...] as lembranças indiferentes da infância devem sua existência a um processo de deslocamento: são substitutas, na reprodução [mnêmica], de outras impressões realmente significativas cuja recordação pode desenvolver-se a partir delas através da análise psíquica, mas cuja reprodução direta é impedida por uma resistência. (FREUD, 1996a, p. 59)

Nesse contexto apontado por Freud à respeito do deslocamento das lembranças, reforço que foi através do processo de análise que recuperei determinadas lembranças e impressões significativas relacionadas com a época de infância. Um movimento que prescindiu atentar para questões pertinentes reclusas no tempo da memória, mas, que diziam respeito ao afeto e as boas recordações de uma época determinante para minha formação subjetiva. Esse movimento de atenção para com a vida compreende justamente a significação dessa vida, por que "na memória, a pessoa realça e acentua os momentos de sua vida que foram experimentados como significativos, ao passo que os outros caem no esquecimento" (DILTHEY, 2010, p. 245).

Nesse aspecto, a colcha de retalhos pressupõe uma experiência significante no contexto da minha formação, um fazer que envolve aprendizado, afetos e uma habilidade que se organiza e ganha unidade em função da diferença que caracteriza os formatos, cores e texturas dos pedaços de tecidos. A colcha de retalhos torna-se um artefato emblemático porque constrói sentidos para a vida, a formação e a prática docente, justamente por considerar a complexidade que envolve os domínios social, cultural, psicológico e educacional (KINCHELOE, 2007) da aprendizagem, envolvendo tanto a vida quanto o seu percurso de formação e atuação. Refletir sobre a compreensão acerca da vida e da formação confere um conhecimento autoimplicativo, ou seja, um modo de conhecer hermenêutico que, ao mesmo tempo em que amplia o conhecimento das coisas, também proporciona um saber sobre nós mesmos (SOUZA e FORNARI, 2012), metaforicamente entendidos como colcha de retalhos, fragmentos de experiências e narrativas que buscam autenticar nossa relação dialógica com o mundo.

Ao lidar com a confecção da colcha de retalhos, minha avó aprendeu a lidar com as diferenças que encontrava nos pedaços de tecidos, fazendo uma pesquisa intuitiva acerca das possibilidades dos retalhos: pequenos, médios, grandes, ásperos, lisos, estampados, quadriculados, floridos, bordados, de algodão, de seda, de cetim, de

flanela, de veludo, enfim, uma multiplicidade significativa de diferenças. A diferença possibilita o todo, a unidade na execução da colcha de retalhos, assim como, pela diferença, encontramos o Outro na alteridade que se desvela pela capacidade de proporcionar um olhar interior a partir das diferenças. Percebi essa diferença ao observar e imaginar estórias a partir da colcha de retalhos que cobria a cama do quarto da minha avó, da mesma maneira como aprendi a observar seu domínio e perspicácia ao confeccionar de forma tão afetuosa aqueles artefatos.

Narrativa 1

Lembranças da infância: o contato com uma colcha de retalhos

Durante a infância tive contato com a minha avó materna, vovó Rosa, como era chamada por todos. Era costumeiro visitá-la aos domingos, no final de tarde, antes do horário da missa.
Guardo lembranças da convivência com a minha avó até os doze anos, quando ocorreu o seu falecimento. Era uma senhora muito doce, com um cheirinho característico de leite de rosas. Sua casa era limpa e arrumada. Visitá-la era um prazer enorme porque era a oportunidade de sair do meu mundo e observar, respirar e viver outros ares.
Vovó Rosa sempre nos recebia com bolos deliciosos acompanhados do cafezinho com leite que não podia faltar. Minha irmã, minha mãe e eu ficávamos bastante tempo em sua casa, tempo suficiente para que eu pudesse ir ao seu quarto bisbilhotar no armário algo que vovó Rosa guardava com cuidado: bonecas de porcelana. As bonecas eram da época da sua infância e já haviam passado por várias gerações, inclusive, como brinquedo da minha mãe. Graças ao seu cuidado, as bonecas se mantinham perfeitas e àquela altura da vida minha avó ainda as preservava. Somente minha irmã brincava com as bonecas, seguindo orientações da vovó. Eu, infelizmente, nunca tive o privilégio de pegá-las, pois sempre havia o argumento de que menino não brinca de boneca. Desse modo, me contentava em ficar deitado na cama, olhando para as bonecas dentro do armário enquanto minha irmã, mamãe e vovó conversavam na sala.
Foi num desses momentos, sozinho, no quarto da minha avó que passei a observar a colcha que ela usava na cama. Eu já tinha visto inúmeras vezes o processo da costura de retalhos que vovó fazia. Era fantástico o

modo como ela costurava e organizava aqueles retalhos de tecidos que, a primeira vista, não tinham serventia, como ela mesma dizia.
Ela cortava e ajustava os diferentes tipos de tecidos em uma caixa para depois emendá-los um a um até formar uma colcha. Era um processo demorado que dependia dos retalhos e de uma boa dose de paciência. Muitas vezes ajudei na arrumação dos retalhos tentando separá-los por cor ou tamanho. Minha vó não gostava e quando percebia meu esforço exclamava:
- Meu filho, não é pra fazer isso! É só colocar na caixa esticando os retalhos, não quero que fiquem separados desse jeito. Na hora da costura vou juntando tudo e no final a colcha fica pronta.

Eu ouvia a recomendação, mas não acreditava que fosse ficar bom sem organizar os retalhos. Como juntar diferentes tecidos, cores, estampas e texturas numa mesma colcha de forma harmoniosa? Na minha concepção de criança aquele modo de fazer a colcha não daria certo.
Depois de algum tempo a colcha ficava pronta e os pedidos eram sempre numerosos: filhos, netos e agregados, todos queriam ter uma colcha da vovó Rosa.
Em sua cama havia uma colcha antiga, usada especialmente aos domingos para enfeitar o quarto. Foi naquele lugar, deitado na cama, que pude perceber como diferentes tipos de retalhos podiam configurar um todo, apesar das singularidades de cada fragmento de tecido.
A relação das partes que formavam o todo era uma coisa instigante, um desafio para mim. Naquela época, eu não conseguia compreender porque a colcha de retalhos me provocava. Gostava de apreciar o colorido da colcha. Era linda! Por vezes, passava horas deitado na cama da vovó observando cada pedaço da colcha, até que minha mãe me chamasse para tomar café com bolo.
Eu imaginava uma estória para cada retalho, como se cada um ganhasse vida própria. Era fácil construir minhas estórias na imaginação e depois desenhá-las. Ao mesmo tempo, ficava intrigado e me questionava como aquelas estórias, representadas por retalhos de tecidos, formas, cores estampas e texturas tão diferentes podiam estar juntos num espaço delimitado por linhas de costura que, como num passe de mágica, faziam com que aquele todo ganhasse consistência. Minhas estórias também funcionavam, apesar da diversidade e singularidade de cada personagem que criava.

Hoje, percebo que aquela experiência com a colcha de retalhos deixou marcas afetivas na minha constituição subjetiva, sendo primordial para me ajudar a compreender como e por que estabeleço relações com os fragmentos narrativos que sustentam minhas memórias de infância. Esses fragmentos espelham a multiplicidade de ideias usadas ao longo da minha atuação como professor de artes.

Durante muitos domingos da minha infância, pude observar o quanto era importante para ela construir de forma artesanal e afetuosa uma colcha de retalhos, conforme apresentado no detalhe da figura 1. Havia prazer no ato de fazer a costura, sempre pensando para quem seria aquela nova colcha que começava a ganhar forma e identidade a partir dos primeiros retalhos. A profusão de formas e cores me impressionava, inquietava e fazia pensar: Como a minha avó consegue reunir aqueles retalhos de forma tão bonita? Acredito que cresci com essa dúvida.

Detalhe da colcha de retalhos tecida pela minha avó:
presente que guardo com zelo, pois preserva memórias e afetos
Fotografia do autor

Hoje, posso dizer que essa dúvida me fez buscar uma conduta diferenciada para a vida, especialmente no que diz respeito ao desejo pela arte como algo que, ao inquietar, pode tornar-se atraente especialmente pela característica dialógica que requer um Outro. O Outro, em sintonia com a perspectiva de Bakhtin (2003, p. 21), como aquele "[...] homem situado fora e diante de mim, [visto que] nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem". Esse Outro, como "aquele" externo e que, por ser externo, completa-me a partir da sua incompletude. Isso porque

> [...] em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessível ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (BAKHTIN, 2003, p. 21)

Aprendi, a partir dos postulados da teoria bakhtiniana e da prática docente, que ser professor requer estabelecer uma relação de reciprocidade com o Outro, estar

predisposto a se ver no Outro como pressuposto para a alteridade. De acordo com Amorim (2006; 2004) as ciências humanas são entendidas por Bakhtin como ciências do texto, pois o que há de fundamentalmente humano no homem é o fato de ser um sujeito falante, produtor de textos, numa perspectiva dialógica e de alteridade.

A relação que estabeleci entre a colcha de retalhos e o entendimento sobre a vida me fez compreender no momento oportuno o que significava lidar com a diferença, mesmo que numa perspectiva artesanal, que resultava num artefato emblemático, afetuoso, colorido e convidativo à contemplação. Essa contemplação que pautava-se a partir de questionamentos e dúvidas sobre a diversidade de formas e texturas serviu-me ao desenvolvimento de reflexões que estão presentes no inicio da minha atuação como professor de artes visuais. Compreendi, desde o primeiro dia em que entrei em uma sala de aula como professor, que os sujeitos ali presentes são diferentes. É, claro, a diferença para mim era um alivio, pois representava que aqueles sujeitos não possuíam a mesma expectativa em relação ao novo professor de história da arte.

Narrativa 2

O desafio da experiência docente

Minha primeira experiência como professor aconteceu ainda na época do curso de graduação, quando estava no sétimo período e fui convidado para substituir uma professora que atuava em uma Escola Técnica de Publicidade e Propaganda[2], situada na Rua Uruguaiana, no centro do Rio de Janeiro. Compareci no dia e hora marcado para a entrevista com a Diretora da Escola para apresentar o currículo. Não imaginei que naquele mesmo dia iria ser "posto" em uma sala de aula com sessenta alunos. Mas, aconteceu...
Após a entrevista a diretora comentou que aceitaria minha condição de formando e pediu que eu fizesse uma experiência com a turma que entraria às 13 horas na escola. Fiquei em pânico! Mas, mantive a calma e a frieza necessária para quem desejava a oportunidade de lecionar. Naquele momento lembrei-me da colcha de retalhos e de como os diferentes pedaços de tecidos ficavam em harmonia na cama da minha avó. Imaginei, então, uma turma com diferentes sujeitos, jovens estudantes que, a priori, não conheciam história da arte e estavam ali

para aprender. Considerei que, apesar da diferença de cada jovem e da expectativa em relação a disciplina, com um pouco de sorte um grupo significativo da turma poderia gostar da aula, favorecendo minha performance como docente. Do mesmo modo que a colcha de retalhos ficava linda no final, possivelmente, minha experiência de aula também poderia fazer jus ao meu esforço. Na condição de estudante de graduação, do sétimo período, já possuía alguma desenvoltura no manejo das ferramentas pedagógicas necessárias para persuadir e provocar os estudantes. Apesar da timidez e nervosismo, a aula teste correu bem e, no final dos cem minutos, fui informado que a vaga de professor era minha(figura 2).

Momento do exercício docente na Escola Técnica de Publicidade e Propaganda,
meses depois do desafio da admissão
Fotografia cedida na época pela aluna do curso.

A trecho narrativo apresenta detalhes de como enfrentei a tarefa e iniciei minha carreira docente, tendo em mente que uma turma de alunos pode ser compreendida como uma grande colcha de retalhos que pressupõe um estudo prévio. Estudo que possa ajudar na observação dos diferentes tipos de sujeitos que ali estão. Naquele momento, me veio a mente a lembrança da minha avó observando os retalhos,

ajustando-os para organizar a costura. Fazendo uma analogia, pensei que a melhor forma de oportunizar esse processo era fazê-los falar. Eu poderia observá-los e ao mesmo tempo alinhavar os diferentes tecidos/ideias a partir daquilo que me propus a escutar. Reportando-me a Maffesoli (2007) eu iria, naquele momento, "ouvir o mato crescer", ou seja, era necessário saber ouvir para conhecer algo que estava prestes a nascer: a minha primeira experiência pedagógica como docente.

Essa abordagem, se é que posso assim denominar o *insight* daquele momento de ansiedade, me fez perceber que o aluno precisa ser reconhecido na sua singularidade, mesmo quando inserido na coletividade de uma turma. Aqueles minutos de apresentação foram indispensáveis para que a invisibilidade de cada aluno desaparecesse por alguns instantes, fazendo-os emergir, pelo menos para mim, como sujeitos a serem reconhecidos.

O caráter heterogêneo de uma turma sinaliza possíveis relações entre professor e aluno, uma situação que desafia, pois está em jogo o modo "como encontrar o outro, como fazê-lo falar, como se fazer ouvir, como compreendê-lo, como traduzi-lo, como influenciá-lo ou como deixar-se influenciar por ele" (AMORIM, 2004, p. 31). Questões como essa permeiam o universo dos alunos em processo de formação tornando evidente que o grande desafio da profissão docente é o encontro com o Outro.

Ao lembrar afetuosamente da colcha de retalhos da minha avó, reconheço o quanto foi importante sua presença durante alguns anos da minha vida. Imaginar, abstrair, conjecturar eram ações presentes na minha concepção de criança, mesmo não sabendo conceituar tais pensamentos e atitudes. Diferentes modos de perceber o mundo estão arraigados no processo perceptivo que constituiu minha experiência como sujeito. Esta vivência foi fundamental para minha inserção no mundo das artes. Não por acaso, esse tipo de visualidade despertava minha atenção. A possibilidade de imaginar era acionada por uma variedade de formas naquele espaço delimitado pela colcha de retalhos que cobria a cama da vovó. Hoje, me dou conta que a prática pedagógica desenvolvida ao longo da minha atuação docente nas artes visuais esteve imbuída de afetos e lembranças advindas da infância, como "coisas que estão enterradas no fundo do rio da vida. Na maturidade, no acaso, elas se desprendem e sobem à tona, como bolhas de ar" (CAMARGO, 2009, p. 14).

Essas “bolhas de ar” desprendidas das amarras do inconsciente, são peças que influenciam minha história pessoal, minha biografia e o meu cenário de visualidades, onde estão presentes as pessoas que faziam parte da minha vida.

Afetos e lembranças: reflexo de escolhas e implicações pedagógicas

Ao rememorar afetos e lembranças, busco sincronizar questões pessoais através das quais tenho feito um esforço significativo para elaborar situações de infância que me ajudem a elucidar problemas atuais que considero determinantes para a compreensão das minhas escolhas, interesses e, especialmente, da história de vida, porque, entendo em consonância com Ricoeur (2010, p. 420) que, “[...] um sujeito se reconhece na história que ele conta para si mesmo sobre si mesmo”. Ao recordar, contar e narrar episódios pontuais no processo de constituição da minha história de vida, tomo consciência das marcas que foram determinantes na infância, em especial, aquelas que estão definindo meus afetos, minha história como docente e meu “*modus operandi*” na vida adulta.

Partindo dessa busca por compreender o processo da memória, das marcas deixadas ao longo da trajetória infantil, como rastros de afetos e lembranças que perfazem minha história de vida, sou levado à refletir constantemente sobre esse (eu) sujeito professor, sua identidade e entrelaçamentos pessoal e profissional que, de acordo com Nóvoa (2007, p. 17), nos colocam “[...] de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar”, que não podem ser separados, porque convivem na mesma pessoa. O que sou se reflete no que ensino, como produção de significados que legitimam formas particulares de vida (GIROUX, 1997), portanto, o afeto e o conhecimento de si (SOUZA, 2006) tornam-se condição *sine qua non* para à compreensão da vida pessoal e profissional.

Ao pensar e desenvolver uma investigação no âmbito da perspectiva narrativa de viés autobiográfico, faço coincidir a necessidade e a urgência de “[...] compreender o fenômeno educativo, especificamente no que tange ao processo de formação e desenvolvimento pessoal e profissional do educador” (SOUZA, 2006, p. 19). Processo interligado com questões intrínsecas ao sujeito, sua relação consigo mesmo, com o mundo e com o Outro.

Segundo Freud (1996c), no artigo “Construções em Análise”, recordar certas experiências e os impulsos afetivos que elas trazem à tona é invocar, no presente, elementos que o sujeito esqueceu. O autor salienta, ainda, que esses sintomas e inibições, são consequências de repressões que se constituem ao substituir experiências vividas que o sujeito olvidou. No entanto, acrescenta, o trabalho de recuperação das lembranças pode vir através de fragmentos em sonhos ou, quando o sujeito se entrega a “associação livre” e produz ideias que podem fazer alusão às experiências reprimidas, derivadas de impulsos afetivos recalcados (FREUD, 1996b). Nesse sentido, o processo de reviver um momento que ficou, de algum modo, preso por muito tempo na memória, é uma maneira de gerar ou reelaborar relações afetivas.

Minha escolha por estudar artes não foi acidental. Esteve presa e reprimida no meu (in)consciente por muito tempo, mas, a partir dos estudos de doutorado e do processo de análise, passei a significar e entender minha posição como sujeito e como professor de arte. De algum modo, sabia que a escolha pela profissão tinha sido motivada por inúmeros motivos, afetos e referências. Os motivos atrelados as experiências que reverberaram esse desejo premente, talvez tenham sido desejados a partir daquilo que o meu pai[3] um dia também desejou.

Para Gagnebin (2012, p. 35), no processo de recordar, inscrito na sincronia dos fatos e do tempo, acontece “o verdadeiro lembrar, a rememoração, [que] salva o passado, porque procede não só à sua conservação, mas lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida”. Esse lugar de sepultura no chão do presente, conforme apontado por Gagnebin, refere-se ao trabalho analítico, o trabalho do pesquisador historiador. É, também, uma alusão ao escavar, uma maneira de rever ou revisitar o passado e os afetos experienciados. É justamente, esse processo contínuo de escavar e lembrar que caracteriza o trabalho arqueológico, no sentido de buscar evidências que posam sinalizar reflexões.

Tenho me questionado de onde vem o meu interesse pela arte, pela profissão docente, do mesmo modo que interrogo os meus alunos sobre suas inclinações e desejos perante a sua formação discente. Sinto que estou vivendo um momento de reavaliação, sobretudo, quando me inquieto sobre aspectos que tangenciam minha

prática pedagógica, ou seja, a própria dimensão dos afetos e da necessidade critica de repensar posturas frente as demandas atuais postas em sala de aula. Percebo que o conhecimento não pode ser estudado por si mesmo, ele deve ser visto como uma mediação entre os alunos e a realidade social de forma mais ampla (GIROUX, 1997). De acordo com os apontamentos de Souza (2006, p. 19), essa reavaliação acontece quando "um educador em construção expressa uma reflexão sobre tempos e espaços de formação. Tempos marcados na memória e nas histórias sobre o sentido da vida e da profissão". Esse questionamento, surge em função de uma reflexão critica sobre a real função do meu papel como professor, cabendo assim, tratar o conhecimento como um objeto de investigação, que exige invencão e reinvenção constante.

Considerações

Minha vivência como professor de artes visuais na educação básica representou um laboratório para a vida. Aprendi, ensinei e ainda estou em processo, aliás, um dos aprendizados na esfera docente é compreender que ser professor não faz do sujeito uma enciclopédia viva. Conforme aponta Freire (1996, p. 39), "[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática". Nesse sentido, foi a partir de reflexões que pude avançar no exercício diário da docência. A relação com o saber e com o cotidiano da sala de aula sempre foi desafiadora. Por isso, acredito que "[...] as mudanças na educação só ocorrem, de fato, quando partem de um processo de reflexão, por parte do professor, das relações de aprendizagem que estabelece com seus alunos [...]" (MARTINS, 2009, p. 106). A cada dia ocorrem novas situações que provocam e desafiam a prática docente permitindo que o professor interrogue-se sobre sua prática, sua relação com os alunos e, sobretudo, sua relação com processos de ensinar e aprender no contexto cotidiano da contemporaneidade (FERREIRA, 2010).

Assim, cabe pensar a narrativa mediante uma tessitura de fios, retalhos que vão sendo justapostos formando uma colcha de retalhos materializada a partir de argumentos, ideias e episódios reunidos e contextualizados através das experiências vividas. O ato de narrar é dimensionado para repertórios da época de

infância, de formação e atuação em artes visuais, trazendo à tona fatos e situações relevantes. Tais fatos e situações constituem um conjunto de fragmentos narrativos, onde há um processo contínuo e reflexivo entre o viver, contar, reviver e recontar de experiências vividas (CLANDININ e CONNELLY, 2011), que tecem uma colcha de retalhos à estampar uma história de vida, silenciosamente permeada de lembranças.

As lembranças afetivas inscritas na existência do sujeito com a sua experiência de vida, remetem às questões formativas perante a própria vida e a formação, especialmente quando estas estão atreladas ao processo da narrativa e da biografia como vertentes para pensar o sujeito em formação. De acordo com Delory-Momberger (2011), "[...] a narrativa de vida continua a ser vista como um percurso orientado e finalizado, pelo qual o narrador retraça a gênese do ser no qual se tornou" (p. 337). Desse modo, ao conectar lembranças e afetos, estou rememorando experiências à luz de concepções autorreflexivas que têm provocado desdobramentos em minha prática docente e, consequentemente, levam-me a considerar os percursos traçados em busca de um conhecimento de si autobiográfico e autorreflexivo.

Pensar como ocorre nossa relação com o mundo dos afetos e das lembranças, entrevisto por uma grande colcha de retalhos, na qual cada pedaço de tecido representa a diferença, o inusitado, aquilo que ganha destaque a partir da percepção e reflexão sobre o todo, precisamente, pela característica intrínseca do próprio arrolamento dialógica vivido através das experiências e da alteridade. Nessa proposta dialógica (BAKHTIN, 2004), o conhecimento da vida surge da interação dinâmica entre o sujeito e sua percepção de si no mundo, em diferentes tempos e espaços formativos e autoformativos.

Notas

[1] Tese de doutorado intitulada: Mo(vi)mentos Autobiográficos: historiando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em artes visuais, defendida no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa: Culturas da Imagem e Processos de Mediação, sob orientação do Professor Dr. Raimundo Martins e coorientação da Professora Dra. Irene Tourinho em março de 2015.

[2] Lecionei na Escola Técnica de Publicidade e Propaganda no período de 1995 à 2001.

[3] Quando faço referência ao meu pai, reporto-me à situações de afeto vivenciadas no período de infância, a partir de fragmentos presentes na lembrança, em decorrência da relação estabelecida até os dezenove anos, quando ocorreu o seu falecimento.

Referências

AMORIM, Marilia. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas.* São Paulo: Musa Editora, 2004.

AMORIM, Marilia. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.) *BAKHTIN: outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 95-114.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do Método Sociológico nas Ciência da Linguagem*. Tradução: Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* Tradução. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAMARGO, Iberê. *Gaveta dos guardados*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CLANDININ D. Jean e CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. In: *Revista em Educação*: Belo Horizonte, v.27, n. 01, abril, 2011, p. 333-346. < Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a15.pdf Acesso em: 10/09/2013 >

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas.* Tradução: Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. A imagem fotográfica como mediação na educação do olhar. In: GUIMARÃES, Leda; ROCHA, Cleomar; ANDRADE, Rita (Orgs.) *Anais do III Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual – A Reinvenção do Humano.* Goiânia/UFG/PPGCV, 2010, p. 1369-1378. <Disponível em: http://www.fav.ufg.br/seminariodeculturavisual Acesso em: 10/05/2013 >

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREUD, Sigmund. Lembranças da infância e lembranças encobridoras – capítulo IV [1901] In: _____. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a [1900], p. 59-66. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VI).

FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras [1899] In: _____. *Primeiras Publicações Psicanalíticas.* Rio de Janeiro: Imago, 1996b [1893-1899], p. 285-304. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. III).

FREUD, Sigmund. Construções em análise I e II [1937] In: _____. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c [1937-1939], p. 273-287. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXIII).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: SEDLMAYER, Sabrina e GINZBURG, Jaime (Org.). *WALTER BENJAMIN: rastro, aura e história.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 27-38.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumos a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Tradução: Daniel Bueno, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KINCHELOE, Joe L. & BERRY, Kathleen S. *Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem.* Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva.* Porto Alegre: Sulina, 2007.

MARTINS, Alice Fátima. Da educação artística à educação para a cultura visual: revendo percursos, refazendo pontos, puxando alguns fios dessa meada. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009, p. 101-117.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida In: NÓVOA, Antônio (Org.) *Vidas de Professores.* Portugal: Porto Editora, 2007, p. 11-30.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa 3. O tempo narrado.* Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino de. e FORNARI, Liege Maria Sitja. “Memória, (Auto)Biografia e Formação” In: VEIGA, Passos Alencastro e D’ÁVILA, Cristina Maria (Org.) *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p. 109-134.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores.* Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
Doutor em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Mestre em Educação pelo PPGE da UFF/Niterói/RJ e Licenciado em Educação Artística/História da Arte pela UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Artes Visuais da UnB. Coordenador do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UnB – Noturno. Interesse na trajetória, formação e atuação de professores em artes visuais.